



SEÇÃO: DOSSIÊ – EVANGELIZAÇÃO NOS MEIOS DIGITAIS

## Igreja no metaverso: uma reflexão teológico-comunicacional a partir da primeira “missa metaversal”

*Church in the Metaverse: a Theological-Communicational Reflection from the First “Metaversal Mass”*

*Iglesia en el metaverso: una reflexión teológico-comunicacional a partir de la primera “missa metaversal”*

**Moisés Sbardelotto<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9660-8894](https://orcid.org/0000-0001-9660-8894)  
[moises@pucminas.br](mailto:moises@pucminas.br)

**Recebido em:** 06/12/2022.

**Aprovado em:** 29/08/2023.

**Publicado em:** 13/11/2023.

**Resumo:** Em meados de 2022, foi anunciada a celebração de uma “primeira missa no metaverso” transmitida por uma rede de TV de inspiração católica brasileira, fato que suscita discussões diversas sobre o fenômeno religioso e a prática ritual em ambientes não convencionais. Para além do aspecto litúrgico de tal rito, emerge a necessidade de pensar o metaverso à luz da práxis pastoral da Igreja. Para isso, primeiramente, examinaremos o próprio conceito de metaverso e o modo como vem sendo apresentado e debatido recentemente. Em seguida, aproximaremos a noção de metaverso à experiência religiosa, de modo mais amplo, para, posteriormente, refletirmos, especificamente, sobre a prática litúrgica, particularmente cristã-católica, em ambientes digitais. Com isso, poderemos analisar de modo mais detalhado a celebração daquela “primeira missa metaversal”, levantando algumas provocações a partir de alguns de seus desdobramentos teológicos, litúrgicos e pastorais.

**Palavras-chave:** metaverso; digital; liturgia; missa; pastoral.

**Abstract:** In mid-2022, the celebration of a “first mass in the metaverse” broadcast by a Brazilian Catholic-inspired TV network was announced, a fact that evokes diverse discussions about the religious phenomenon and ritual practice in unconventional environments. Beyond the liturgical aspect of such a rite, the need to think about the metaverse in the light of the pastoral practice of the Church emerges. For this, we will firstly examine the very concept of metaverse and the way it has been presented and debated recently. Then, we will approach the notion of metaverse to the religious experience, in a broader way, to later reflect, specifically, on the liturgical practice, particularly the Christian-Catholic one, in digital environments. With this, we will be able to analyze in more detail the celebration of that “first metaversal mass”, raising some provocations from some of its theological, liturgical and pastoral developments.

**Keywords:** metaverse; digital; liturgy; mass; pastoral.

**Resumen:** A mediados de 2022, se anunció la celebración de una “primera misa en el metaverso” transmitida por una red de televisión de inspiración católica brasileña, hecho que suscita diversas discusiones sobre el fenómeno religioso y la práctica ritual en ambientes no convencionales. Además del aspecto litúrgico de tal rito, surge la necesidad de pensar el metaverso a la luz de la práctica pastoral de la Iglesia. Para ello, en primer lugar, examinaremos el propio concepto de metaverso y la forma en que ha sido presentado y debatido recientemente. Luego, acercaremos la noción de metaverso a la experiencia religiosa, de manera más amplia, para luego reflexionar, en concreto, sobre la práctica litúrgica, particularmente cristiano-católica, en entornos digitales. Con ello, podremos analizar con más detalle la celebración de aquella “primera misa metaversal”, haciendo algunas provocaciones desde algunos de sus desarrollos teológicos, litúrgicos y pastorales.

**Palabras clave:** metaverso; digital; liturgia; misa; pastoral.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

## Introdução

Foi bastante divulgada, em meados de 2022, a celebração de uma "primeira missa no metaverso" transmitida por uma rede de TV de inspiração católica brasileira, que teria inaugurado também o primeiro santuário católico nesse ambiente digital. O fato foi amplamente comentado nos círculos eclesiais e também fora deles (REDE..., 2022), gerando discussões diversas sobre o fenômeno religioso e a prática litúrgica em ambientes não convencionais.

De modo particular, a principal questão em jogo no anúncio dessa primeira "missa metaversal" parecem ser as explicações e justificativas pastorais oferecidas, como veremos em seguida. Do ponto de vista pastoral, parece haver uma certa afobação e deslumbramento diante das possibilidades oferecidas por algumas experiências tecnológicas e digitais. A partir disso, torna-se candente a pergunta: qual o sentido pastoral da celebração de uma missa no metaverso? Para além do aspecto litúrgico-ritual, como pensar o metaverso à luz da práxis pastoral da Igreja?

Sem querer dar respostas definitivas a perguntas tão complexas e abrangentes, pretendemos aqui apenas oferecer algumas reflexões "em construção" e provocações ao pensamento eclesial e religioso. Para isso, primeiramente, examinaremos o conceito de metaverso e o modo como vem sendo apresentado e debatido. Em seguida, aproximaremos a noção de metaverso à experiência religiosa em geral, para, posteriormente, refletirmos de modo específico sobre a prática litúrgico-pastoral, particularmente cristã-católica, em ambientes digitais. Com isso, poderemos analisar de modo mais detalhado a celebração dessa "primeira missa metaversal", levantando algumas provocações a partir de alguns de seus desdobramentos teológicos, litúrgicos e pastorais.

### 1 Metaverso, "já mas ainda não"?

O termo "metaverso" foi criado pelo escritor

Neal Stephenson nos anos 1990, em um romance distópico e cyberpunk intitulado *Snow Crash*.<sup>2</sup> No enredo da obra, a população dos Estados Unidos, em meio a um futuro caótico e violento, refugia-se em um universo paralelo digital (o metaverso, justamente), onde vivem como avatares.

Do ponto de vista acadêmico-científico, o termo passou a ser utilizado para fazer referência a ambientes digitais tridimensionais e dinâmicos, que vão além das tradicionais mídias digitais, nas quais o acesso à informação se dá apenas por meio de interfaces bidimensionais compostas por textos e imagens (SCHLEMMER; BACKES, 2008). Um precursor dessa experiência foi o *Second Life*, um ambiente virtual tridimensional lançado em 2003, que permitia a interação social por meio do uso de avatares, "uma espécie de metaverso antes do metaverso [em que] os gráficos e a imersão eram decididamente pobres" (FLORIDI, 2022, p. 4, tradução nossa).

O termo voltou à tona em 2021, quando a empresa Facebook – em meio a uma crise financeira e de imagem – anunciou que mudaria de nome e passaria a se chamar Meta. Segundo Mark Zuckerberg, fundador e CEO da companhia, a mudança ocorreria para demarcar uma nova fase da empresa, focada em construir precisamente um metaverso, um universo digital em que as pessoas pudessem interagir a partir de tecnologias de realidade aumentada, realidade virtual, celulares, computadores e outras.

Em uma carta aberta, Zuckerberg definiu o metaverso como "o novo capítulo da internet", uma plataforma ainda mais imersiva, uma "internet encarnada, na qual você está na experiência, e não apenas olhando para ela" (ZUCKERBERG, 2021a, n.p., tradução nossa). Para ele, "sentir-se verdadeiramente presente com outra pessoa é o maior sonho da tecnologia social", e, por isso, a qualidade definidora do metaverso seria uma "sensação de presença" nos ambientes digitais (ZUCKERBERG, 2021a, n.p., tradução nossa).

Segundo Zuckerberg, em um futuro metaverso, as pessoas poderão se teletransportar instantaneamente.

<sup>2</sup> No Brasil, o livro foi traduzido e publicado pela Editora Aleph pela primeira vez em 2008, com o título *Nevasca*. Já a segunda edição, de 2015, retomou o título original em inglês.

neamente como um holograma a outros lugares, sem precisarem se deslocar.

No metaverso, você será capaz de fazer quase tudo o que imaginar – reunir-se com amigos e familiares, trabalhar, aprender, brincar, fazer compras, criar – bem como experiências completamente novas que não se encaixam na maneira como pensamos sobre computadores ou telefones hoje (ZUCKERBERG, 2021a, n.p., tradução nossa).

Ou seja, o metaverso será o desdobramento daquilo que já estamos experimentando digitalmente hoje, mas com características ainda não conhecidas: será o caldo tecnocultural para uma vida pessoal e social ainda mais conectada em suas várias dimensões.

Outros gigantes da tecnologia também estão voltados para esse novo capítulo do digital, após as etapas anteriores das inovações da internet e da telefonia móvel. Pretende-se, em suma, que o metaverso seja um *universo de universos* físico-digitais, onde as pessoas poderão se encontrar – independentemente de onde estejam geograficamente – de forma híbrida e tridimensional, não apenas olhando para telas planas, mas também e principalmente por meio de softwares, aplicativos e tecnologias de realidade virtual, ampliada e/ou hologramática. Já vemos algo nesse sentido hoje com tecnologias como o Google Lens<sup>3</sup>, o Ray-Ban Stories<sup>4</sup> ou o Oculus Quest 2<sup>5</sup>, estes dois últimos desenvolvidos em parceria com a própria Meta, e de experiências digitais como Pokémon Go<sup>6</sup>, Horizon<sup>7</sup>, Fortnite<sup>8</sup>, dentre outros, que, entre suas limitações e potencialidades, manifestam alguns elementos de "metaversalidade".

Com um maior desenvolvimento de tais tecnologias e plataformas nos próximos anos, será possível fazer a experiência do movimento físi-

co-corporal em ambientes digitais e do encontro não apenas "face a face à distância" (como já fazemos hoje em videoconferências), mas propriamente "corpo a corpo à distância". Assim, poderemos nos *sentir corporalmente presentes* nesse universo digital, por meio de uma articulação entre a realidade físico-biológica geolocalizável e as tecnologias de realidade virtual e ampliada, fazendo a experiência de um único espaço on-line compartilhado. A presença de uma pessoa se desvinculará ainda mais de sua localização. A questão, contudo, é como se dará o salto da experiência bidimensional (visual e acústica) que temos nos ambientes digitais de hoje para as possíveis experiências muito mais imersivas e estendidas do metaverso – que, mesmo assim, continuariam muito mais pobres em comparação com a nossa experiência analógica por meio de nossos corpos de carne e osso, que é infinitamente mais rica e mais realista (FLORIDI, 2022).

Assim como nenhuma outra mídia historicamente "caiu do céu", o metaverso também será o desdobramento das potencialidades ou a superação das limitações das mídias atuais. Como o próprio Zuckerberg reconhece, o metaverso não surgirá da noite para o dia, nem será um produto que uma única empresa poderá construir sozinha, mas se trata de um sucessor da internet como a conhecemos, que envolverá parcerias entre as principais plataformas e, principalmente, a participação da sociedade em geral, em seus diversos níveis, para habitá-lo. Nós já estamos fazendo parte dessa evolução gradual rumo a um futuro metaverso neste exato momento.

Em outras palavras, o surgimento do metaverso não ocorrerá apenas por um processo de inovação tecnológica por parte de empresas como

<sup>3</sup> O Google Lens é um aplicativo de reconhecimento de imagem que "entende" o que o usuário está vendo em seu celular, por exemplo, e usa essas informações para copiar ou traduzir textos, identificar objetos, encontrar imagens visualmente parecidas, dentre outras possibilidades.

<sup>4</sup> O RayBan Stories é um óculos inteligente com câmera embutida, que permite compartilhar conteúdos nas redes sociais digitais do usuário, além de realizar chamadas, e ouvir e enviar mensagens.

<sup>5</sup> O Oculus Quest 2 é um dispositivo de realidade virtual, com visor, fones de ouvido, microfone e controladores de movimento, que permite a execução de jogos e a interação com ambientes virtuais.

<sup>6</sup> Pokémon Go é um jogo de realidade aumentada para dispositivos móveis, em que os jogadores utilizam seus celulares para explorar o mundo real em busca de Pokémon ("monstrinhos" diversos).

<sup>7</sup> Horizon Zero Dawn é um jogo eletrônico de RPG (jogo de interpretação de papéis) em uma vasta realidade pós-apocalíptica que o jogador pode desvendar livremente.

<sup>8</sup> Fortnite é um jogo on-line no qual até 100 jogadores são colocados em um mapa onde devem lutar uns contra os outros até restar apenas um vencedor.

a Meta, mas também dependerá de *invenções socioculturais*, que são complexas e imprevisíveis (SBARDELOTTO, 2017). A infraestrutura tecnológica do metaverso será oferecida por tais empresas, mas só poderá ser concebida a partir do acompanhamento de certas tendências comunicacionais da sociedade (muitas das quais já estamos vivendo agora ou emergiram fortemente no período da Pandemia de Covid-19).

Por sua vez, quando o metaverso for uma realidade estabelecida, as futuras tendências – a partir das práticas comunicacionais pessoais e sociais nesse novo ambiente – desempenharão um papel significativo na evolução e na transformação do próprio metaverso, a partir dos usos e apropriações específicos que a sociedade promoverá sobre essa "internet reinventada". "Como sempre, até mesmo para o Metaverso, lidar com desafios, riscos e oportunidades será uma questão inteiramente humana de preferências, escolhas e decisões boas ou ruins (ou muitas vezes frustrantemente ausentes)" (FLORIDI, 2022, p. 10, tradução nossa).

Entretanto, do modo como vem sendo anunciado, *o metaverso (ainda) não existe*. Ainda não temos as tecnologias necessárias para torná-lo viável, ou ao menos elas ainda não existem de forma satisfatória, seja do ponto de vista da infraestrutura para possibilitar a convivência "metaversal" de bilhões de usuários nesse ambiente, seja do ponto de vista da chamada "interoperabilidade", entre as várias plataformas digitais que darão forma a essa infraestrutura. A empresa Meta, por exemplo, prevê a existência efetiva de um metaverso somente daqui a 10 ou 15 anos. Mesmo assim, apenas no primeiro ano desde que o projeto do metaverso foi anunciado pela Meta, já foram gastos pela empresa US\$ 15 bilhões em seu desenvolvimento, com uma previsão de mais US\$ 100 bilhões a serem investidos nos próximos anos, um valor "assustador" até mesmo para os padrões do Vale do Silício (TECCHIO, 2022).

Já em março de 2023, diante do avanço e da

popularidade das inteligências artificiais, particularmente do ChatGPT<sup>9</sup> e do DALL-E 2<sup>10</sup>, Zuckerberg anunciou que o maior investimento da Meta passaria a ser em inteligência artificial. Entretanto, o projeto do metaverso não foi abandonado: "Nosso trabalho de liderança construindo o metaverso e moldando a próxima geração de plataformas de computação *também permanece central* para definir o futuro da conexão social" (ZUCKERBERG, 2023, n.p., tradução e grifo nosso).

Portanto, ainda estamos nos capítulos iniciais dessa história, sem saber exatamente o que virá pela frente. De modo geral, o que temos hoje em relação ao metaverso é "muita ficção-científica, pouca tecnologia e ainda menos compreensão da natureza humana" (FLORIDI, 2022, p. 9, tradução nossa). Por isso, seria irrazoável fazer prognósticos sobre algo que poderá ocorrer – se ocorrer – de forma mais perceptível apenas a partir de 2030, segundo tais previsões. Tratar-se-ia de mera futurologia, com todo o risco de ser rapidamente frustrada e desmentida.

Embora a emergência de certas "metaver-salidades" já possam ser observadas local e conjunturalmente, como vimos, as intertransformações comunicacionais, antropológicas e socioculturais daí decorrentes são indeterminadas e imprevisíveis aprioristicamente. E tudo isso, conseqüentemente, traz repercussões também para a prática religiosa.

## 2 Metaverso e religião

De modo geral, as práticas espirituais e a relação entre os seres humanos e a transcendência são processos comunicacionais. Desde os primórdios da humanidade, o ser humano, ao acionar sua dimensão espiritual ou buscar se relacionar com realidades transcendentais, fez isso também por meio de ações comunicativas. A comunicação, por sua vez, é um processo que ocorre mediante meios e mediações, desde os gestos e a fala, passando pela palavra escrita,

<sup>9</sup> O ChatGPT é um sistema de conversação (*chat*) baseado em inteligência artificial, projetado para gerar respostas em linguagem natural em tempo real a perguntas enviadas pelos usuários.

<sup>10</sup> O DALL-E 2 é um modelo de inteligência artificial treinado para gerar imagens automaticamente, a partir de descrições textuais oferecidas pelos usuários.

até chegarmos recentemente a toda a ecologia comunicacional digital. Como *Homo religiosus* e, ao mesmo tempo, *Homo technologicus*, o ser humano busca se comunicar com um outro humano e também com um Outro transcendente – e, por sua vez, busca também comunicar o Outro transcendente a outros humanos – por meio de todas as mediações e os meios possíveis e disponíveis em cada período histórico.

O rito e o culto, nesse sentido, podem ser entendidos como ações propriamente comunicativas, que dão forma ao próprio fenômeno religioso. "O culto não é simplesmente um sistema de símbolos pelos quais a fé se traduz exteriormente; é o meio pelo qual ela *se cria e se recria periodicamente*" (DURKHEIM, 1996, p. 460). Poderíamos dizer, nesse contexto, que o próprio rito religioso é um metaverso *avant la lettre*. Ou seja, historicamente, os fiéis – independentemente da tradição religiosa – se dirigem a um lugar geolocalizado específico e, por meio de gestos, objetos e palavras ritualizados, fazem a experiência de um universo espiritual-religioso, em uma dimensão espaço-temporal sagrada que ressignifica o recinto físico do templo e a duração cronológica do rito. Nessa dimensão ritual e cùltica, comunicam-se com deidades, seres divinos ou espirituais, ou pessoas que já se encontram no "além da vida", por meio de técnicas e tecnologias próprias para isso (discursos, músicas, artes, textos, objetos etc.).

O ser humano, portanto, evolui por meio de sua própria experiência comunicacional e tecnológica, que não está desvinculada de sua experiência religiosa. Elas se inter-retroalimentam. Se ao longo da história dependemos de gestos, discursos, sons, cantos, músicas, livros, imagens, fotografias, filmes para poder perceber e ao mesmo tempo expressar de forma mais profundamente humana a experiência do sagrado – resguardando as devidas distinções entre cada um desses meios e suas conseqüentes transformações do ponto

de vista sociocultural – isso também continua ocorrendo em tempos de cultura digital e provavelmente continuará ocorrendo com ainda mais profundidade e complexidade nos futuros tempos de metaverso.

Pensando o metaverso como um desdobramento da comunicação digital como a conhecemos hoje, o fenômeno religioso continuará se expressando também nesse meta-ambiente digital, seja ele como for. O metaverso poderá emergir como um ambiente de relação com o sagrado e o transcendente, pois, no fundo, se tratará de um ambiente de relação entre pessoas, que portam consigo uma dimensão religiosa e espiritual, de abertura e de busca de um "algo mais". No metaverso, do modo como vem sendo anunciado, poderá haver ritos celebrados com mediações intrarrituais (gestos, palavras, sons, objetos etc.) que poderão ser percebidas e sentidas à distância, por meio de uma *macromediação extrarritual*, ou seja, todo o aparato tecnológico que permitirá a *presença metaversal* em um rito celebrado em outro espaço geográfico – uma forma de presentificação digital em um espaço ritual geolocalizável.<sup>11</sup>

No caso cristão, alguns estudos já vêm apontando para os limites e as possibilidades do metaverso (PEDROSA, 2022; SILVA, OLIVEIRA NETO, 2022). De modo geral, com seus múltiplos universos de comunicação também religiosa, o metaverso provavelmente tornará ainda mais forte a diversidade no interior da Igreja, em termos de possibilidades de experiência da fé nos diversos contextos locais. Por outro lado, poderá favorecer uma maior interconectividade entre as inúmeras Igrejas locais e seus fiéis, no intercruzamento de fronteiras geográficas e eclesiais. Isso poderá fomentar revisões significativas na concepção e no papel de questões como autoridade, comunidade, identidade, ritualidade, em um contexto cada vez mais acelerado e abrangente – e, portanto, cada vez mais interconectado,

<sup>11</sup> A santa padroeira da televisão – Santa Clara de Assis (1194-1253) – foi reconhecida como tal por Pio XII particularmente por ter vivenciado não apenas a primeira "transmissão" da missa à distância, mas também a sua *presentificação pessoal no rito à distância*, embora não de modo eletrônico, mas sobrenatural. Em uma de suas últimas festas de Natal, doente e acamada, a santa não tinha condições físicas de ir à missa. Em seu quarto, pela força divina, a santa relatou ter visto, ouvido, participado da missa e até comungado, "como se estivesse presente pessoalmente" ("*comme si elle était présente en personne*"; cf. PIO XII, 1957).

diverso, descentralizado.

Se assim for, teremos uma complexificação da experiência histórica e tradicional do fenômeno religioso. A questão é como se darão esses desdobramentos e também como se constituirá a interface entre as experiências religiosas no universo religioso tradicional e no metaverso digital, ou seja, como se darão esses trânsitos e essas interlocuções. Nesse contexto, entram em jogo também os próprios modos de celebrar, como veremos agora.

### 3 Metaverso e liturgia

A liturgia cristã e a celebração dos sacramentos são também processos de comunicação. Trata-se de uma comunicação que se estabelece com Deus e ao mesmo tempo com os irmãos e irmãs de fé, envolvendo, nesse sentido, tanto uma comunicação interpessoal de dimensão horizontal quanto uma comunicação transcendental de dimensão vertical (GHEKAS, 2009).

Em certo sentido, como dizíamos, a própria liturgia pode ser concebida como uma experiência "metaversal". Do ponto de vista católico, como afirma a constituição conciliar *Sacrosanctum concilium* (SC), a liturgia terrena nos permite participar e degustar (*praegustando participamus*), aqui e agora, da liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, glorificando ao Senhor junto de todos os seres celestiais e os Santos (SC, n. 8). Com nossa corporeidade físico-biológica, comunicamo-nos já aqui com realidades que poderíamos chamar de "metamundanas" (que estão no mundo, mas não são do mundo; cf. Jo 15,19). Para isso, recorreremos a sinais sensíveis que significam (*signa sensibilia significatur*), que dão sentido e significado à interação sagrada entre os seres humanos e Deus (SC, n. 7). No metaverso, continuaremos recorrendo a sinais sensíveis audiovisuais e digitais que significam a realidade, que, por sua vez, poderão nos permitir fazer experiência de outros universos presentes no mundo, mas que também podem ser – por que não? – "metamundanos". Mas de qual nível será essa experiência? Com qual consistência teológica e sacramental?

Nos anos recentes, durante a pandemia, as experiências religiosas trouxeram à tona alguns elementos que revelam, de alguma forma, aquilo que o metaverso complexificará ainda mais na comunicação litúrgica, como novos contextos de experiência do corpo; de presença e comunhão; de participação e comunidade (cf. SBARDELLOTTO, 2020b). A pandemia também revelou que há possibilidades instigantes, ainda pouco exploradas reflexivamente pela teologia, nos ambientes digitais, que vão além do mero estilo *transmissional* de uma celebração (via rádio, TV ou mesmo Instagram, Facebook ou YouTube) e possibilitam um estilo *comunitário-participativo* de celebração, por exemplo, via videoconferência em grupo (como Skype, Google Meet, Zoom). Portanto, podemos levantar a hipótese da possibilidade de realização de verdadeiras *celebrações litúrgico-midiáticas*, para além de meras *transmissões* midiático-litúrgicas, assim como verdadeiros *eventos litúrgico-midiáticos*, para além de meros *produtos* midiático-litúrgicos.

Destaco aqui apenas duas questões litúrgicas centrais do ponto de vista dos possíveis desdobramentos a partir do caso do metaverso: o "onde" e o "com quem" se celebra.

A primeira delas diz respeito às noções de *espacialidade* e de *presencialidade*. O período de pandemia levantou profundos questionamentos sobre tais experiências, principalmente devido ao fechamento dos templos e à possibilidade de "reabertura" das casas graças ao ambiente digital. Os ritos passaram a ser vivenciados à distância, e as pessoas puderam manter o contato com suas comunidades a partir de dentro da própria casa, com possibilidades de interações digitais até então pouco exploradas (GUIMARÃES, SBARDELLOTTO, 2020). Nessas experiências, o espaço sagrado passou por uma reconfiguração.

O metaverso poderá tornar essa presencialidade digital ainda mais candente, pois, segundo Zuckerberg e outros, a nossa experiência de espaço digital não será apenas em duas dimensões, na frente de uma tela plana, mas sim em três ou até mais dimensões. O "distante" não será experimentado como mera realidade

simulada ou apenas como uma representação virtual em bits e pixels, mas principalmente como uma espacialidade geográfica ressignificada digitalmente, em várias dimensões e em vários ângulos de experiência. Mesmo sem estarmos presentes fisicamente em um determinado lugar, no metaverso poderemos fazer uma experiência *envolvente e circundante* de um espaço à distância, graças às possibilidades tecnológicas que vêm sendo anunciadas. Podemos falar aqui de uma "realidade aumentada", que "pressupõe uma interação mediante a máquina em uma experiência com o real modificada, mas não eliminada" (BELLI, 2020, p. 25, tradução nossa).

Isso favorecerá, por sua vez, uma presença emergente na interface entre o físico-biológico e o tecnológico-digital. Zuckerberg (2021b) afirma que o metaverso possibilitará uma sensação de presença mais natural no ambiente digital, pois será possível se sentar como um holograma no sofá da casa de um amigo que está a quilômetros de distância, ou o amigo poderá se sentar como um holograma no sofá da nossa casa. Poderemos "coestar" com pessoas que estão longe de nós, em um "agora" compartilhado, independentemente de fusos horários e do tempo cronológico, e também em um "aqui" físico-digital ressignificado para além dos pontos geográficos em que cada participante se encontre. Com isso, a presença de alguém em um dado rito não apenas se desconectará cada vez mais de sua localização objetiva, mas também poderá favorecer uma participação mais "sensível" nos eventos on-line, sendo assim também mais percebida pelos outros participantes.

Nesse sentido, o segundo aspecto que poderá sofrer alterações com o surgimento do metaverso é justamente a experiência da *corporalidade* e da *relacionalidade*. O período de pandemia já revelou que o corpo não fica "escanteado" em nossas relações comunicacionais em rede, mas permanece como *mediação básica* de todo contato humano e social. A questão é que, nos ambientes digitais, se trata de um corpo não mais experimentado apenas em seus sentidos tradicionalmente conhecidos, mas percebido

e ressignificado sinestesicamente a partir das linguagens e das condições de existência que a experiência imersiva em tais ambientes possibilita (BASBAUM, 2012).

Isso se relaciona diretamente com a experiência do contato com o outro. No metaverso, poderemos entrar em formas de relação interpessoais talvez muito mais íntimas e presentificadas do que aquelas que já podemos fazer nos ambientes digitais que temos hoje. Pois, no metaverso, não nos relacionaremos com avatares (como os dos atuais jogos digitais) nem com um mero rosto alheio "achatado" na reconstrução imagética em duas dimensões, mas sim com uma forma de presença do corpo alheio em várias de suas dimensões. Provavelmente poderemos percebê-lo em sua altura, largura e profundidade físico-biológicas reconstruídas digitalmente e poderemos ouvir sua voz não apenas em dois canais estéreos, mas por meio de uma experiência de som ambiente, *envolvente, surround*, em múltiplos canais.

Em um eventual metaverso, portanto, nosso corpo continuará presente como meio de comunicação primeiro e básico (para além de todas as mediações maquínicas e simbólicas), e continuaremos fazendo experiência do mundo, dos outros e da realidade a partir dele, em primeiro lugar, por meio de nossas sensações e percepções sensoriais – que poderão ser *condicionadas* pelas mediações maquínicas e simbólicas, mas não *substituídas* nem *descartadas* por estas. Não se tratará de um corpo "virtual", mas sim de um corpo "teleonipresente", que poderá se deslocar de forma instantânea ao longo do espaço geocalizável e também digitalmente experienciável, mediante "teletransporte", como promete Zuckerberg (2021b). Mas aqui já estamos avançando em níveis de futurismo que preferimos evitar.

Do ponto de vista da prática litúrgica *sacramental*, estritamente falando, revestem-se de grande importância o *hodie* e o *hic et nunc* litúrgicos, ou seja, o "hoje, aqui e agora" necessário para a performatividade litúrgica. E esse "hoje, aqui e agora" é entendido pela teologia católica tradicional em seu aspecto físico-temporal como um *mesmo e único* tempo cronológico e

um *mesmo e único* espaço geográfico onde se encontram os *mesmos e únicos* sinais sensíveis e materiais (pão, vinho, água, óleo etc.), mediante uma tangibilidade organicamente corpórea da assembleia reunida (SPADARO, 2012; GUZMÁN, 2021). E o metaverso provavelmente não conseguirá superar essa barreira, pois as pessoas e os elementos sensíveis e materiais só poderão ser *digitalmente* "teletransportados" e experimentados à distância, por meio, por exemplo, daquela que está sendo chamada de "internet dos sentidos", ainda em desenvolvimento (MENDIVIL, 2021). Por essa razão, segundo o magistério da Igreja, "não existem sacramentos" na internet, e as experiências religiosas nela possíveis são consideradas "insuficientes" (PONTIFÍCIO..., n. 9).

A partir desses elementos, podemos, então, analisar a primeira "missa metaversal", concentrando-nos sobre alguns de seus aspectos mais significativos do ponto de vista litúrgico e pastoral.

#### 4 Missa no metaverso

No dia 20 de julho de 2022, o Santuário da Vida, localizado na cidade de São José do Rio Preto/SP, ligado à Rede Vida, transmitiu ao vivo a celebração da missa pela televisão e também

– pela primeira vez na história, segundo a emissora – no metaverso. Durante a celebração, o presbítero que presidia a missa introduziu essa novidade afirmando:

Hoje é um dia muito especial para nós, porque nós fazemos a primeira transmissão da Rede Vida de Televisão desta missa no metaverso. "Padre, mas o que é isso?" Temos uma porção de convidados agora – vou explicar para vocês – num mundo virtual, que é a nova realidade do futuro das redes sociais, que é a capacidade de ter tudo isto aqui [apontando para o ambiente litúrgico] em 3D, em terceira dimensão, e a gente entrar lá dentro. Então, nós já temos lá no metaverso um Santuário da Vida, e neste momento eu estou num telão, mais ou menos aqui nesta posição [aponta para a parede às suas costas], celebrando a missa, para todo mundo que está lá dentro da nossa capela virtual, que é igualzinha a esta nossa real, participando da missa da mesma maneira como quem está lá em casa, está vendo, ouvindo e celebrando (MISSA..., 2022, n.p.).

A capela recriada digitalmente no metaverso seguia o mesmo estilo arquitetônico do Santuário da Vida de São José do Rio Preto. No presbitério digital, encontrava-se um "telão virtual" que transmitia as imagens ao vivo da capela geolocalizada em São Paulo (Figura 1).

**Figura 1** – Imagem da missa transmitida pela Rede Vida no metaverso



**Fonte:** Missa... (2022, n.p.).

A "primeira missa metaversal", portanto, não foi uma liturgia celebrada efetivamente *no me-*

*taverso*, mas sim a *transmissão* de uma missa no metaverso (por meio de um "telão virtual"). As



peças que estivessem utilizando tecnologias digitais 3D para acompanhar tal transmissão poderiam até fazer uma experiência imersiva da capela digitalizada, mas só poderiam assistir à missa por meio de um "telão virtual" em duas dimensões. Nesse sentido, a já antiga relação da Igreja com a transmissão de liturgias à distância (via rádio e TV) pode contribuir com a reflexão.

Desde o surgimento das primeiras mídias audiovisuais, a Igreja precisou lidar com as possibilidades de transmissão à distância de seus ritos, seja do ponto de vista prático-ritual, seja do ponto de vista teórico-teológico, principalmente.<sup>12</sup> Ainda antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, o teólogo alemão e futuro perito conciliar Karl Rahner levantava críticas às transmissões televisivas da missa que começavam a despontar naquele período. Segundo ele, isso subverteria, em primeiro lugar, o papel do espaço sagrado, do templo, que, "pela própria etimologia da palavra, é um recinto reservado às coisas santas, no qual por isso não se permite o ingresso a todos, independentemente das suas disposições de ânimo" (RAHNER, 1965, p. 56). A liturgia, assim, se profanaria, devido à "negação radical de toda e qualquer disciplina dos sacramentos" (RAHNER, 1965, p. 56), já que os momentos mais místicos e íntimos do culto católico passam a ser escancarados midiaticamente ao mundo, sem qualquer iniciação ou catequese.

Entretanto, poucos anos depois da crítica de Rahner, os padres conciliares afirmavam no decreto *Inter mirifica* (1966) que os meios de comunicação social, entendidos como "maravilhosas invenções da técnica", contribuem para "propagar e firmar o reino de Deus" e, portanto, devem ser utilizados "sem demora e com o máximo empenho nas mais variadas formas de apostolado" (n. 1, 2 e 13). Já a instrução pastoral *Communio et progressio* (1971), publicada pela ex-Comissão Pontifícia dos Meios de Comunicações Sociais por mandato do Concílio, afirmava que entre as

transmissões religiosas mais "desejáveis e consentâneas" encontram-se justamente a missa e outros ofícios litúrgicos. A instrução solicitava, contudo, uma preparação diligente, tanto do ponto de vista técnico quanto litúrgico, levando-se em conta a grande diversidade de público e os costumes locais (cf. COMISSÃO..., 1971, n. 151). O pressuposto principal à luz da fé para tal posicionamento é de que "segundo o Evangelho não temos direito de restringir os meios de santificação do mundo a ambientes fechados" (STRIEDER, 1977, p. 96).

Há discursividades próprias e específicas, seja da liturgia, seja das mídias, que precisam ser reconhecidas e assumidas. Entretanto, nas transmissões midiáticas da liturgia, a linguagem midiática se articula à linguagem litúrgica, dando origem a uma espécie de *metalinguagem* litúrgico-midiática (cf. GHEKAS, 2009). No caso da primeira missa metaversal, essa metalinguagem se manifesta mediante uma *tradução audiovisual-digital* daquilo que estava sendo celebrado na capela em São José do Rio Preto. Porém, segundo Strieder (1977), simplesmente transpor e transmitir a "missa da igreja" para os ambientes midiáticos (*missa midiática*), como no caso da missa transmitida no metaverso, corre o risco de banalizá-la. Pelo contrário, a celebração litúrgica deve se valer sábia e equilibradamente das lógicas midiáticas (*missa midiaticizada*), pois só assim poderá comunicar significativamente o sentido profundo do ato celebrado, a partir das linguagens e dos meios acionados. Trata-se daquilo que o decreto *Communio et progressio*, n. 148, chama de "estilo artístico próprio" da televisão, por exemplo. Será preciso acompanhar, portanto, os desdobramentos de um possível "estilo artístico próprio" do metaverso, assim como seus limites e possibilidades litúrgicos.

Tal metalinguagem, além disso, ao operar uma espécie de "tradução" entre linguagens e ambientes distintos, descontextualiza a celebração

<sup>12</sup> A primeira missa televisionada da história foi celebrada na Catedral de Notre-Dame, em Paris, França, na noite de Natal de 1948 (cf. JOANNES PAULUS PP. II, 1998). No Brasil, a primeira missa na TV foi transmitida 20 anos depois, no dia 4 de fevereiro de 1968, pela Rede Globo, considerado o programa mais antigo da emissora (cf. SANTA..., 2015). Porém, não é o foco deste artigo retomar essa história e o respectivo debate teológico-litúrgico. Para isso, remetemos a análises referentes ao caso brasileiro (PAULA, 2013), ao caso italiano (ZORDAN, 2014) e também ao caso alemão (WAIBEL, 2008).

litúrgica *in loco* e a recontextualiza midiaticamente com outros âmbitos sociossimbólicos, tornando-a acessível potencialmente a qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer momento. Nesse sentido, o caso da missa metaversal é complexo porque ressignifica a ideia de "assembleia litúrgica" ao articular quatro sujeitos distintos em tais processualidades midiáticas: 1) os profissionais do canal de televisão; 2) os fiéis fisicamente reunidos na capela; 3) os fiéis televisivos; e 4) os fiéis metaversais. Analisemos alguns elementos dessas inter-relações em jogo.

Do ponto de vista das pessoas envolvidas diretamente na preparação e produção de tais "liturgias midiáticas" – para além da assembleia celebrante –, atualizam-se preocupações com a emergência do metaverso que já surgiam a partir da transmissão televisiva da liturgia. Uma delas é de que o evento a ser transmitido não é apenas mais um "produto" midiático. Por isso, a Igreja pede especialmente aos profissionais do campo midiático, técnicos e direção, que mantenham sempre uma postura de "discrição e dignidade" (SC, n. 20) no desenvolvimento de seus trabalhos, particularmente no interior do ambiente litúrgico físico. Dentre tais profissionais, o diretor de imagens, no caso particular da TV – mas a ideia pode ser expandida também aos designers e projetistas, no caso dos ambientes digitais –, assume um papel importante, como um verdadeiro "presidente da assembleia dos telespectadores" (GHEKAS, 2009), já que é ele quem define o que será visto ou não pelas pessoas que participam à distância, o que será ressaltado ou não, assim como o modo como será visto. É ele quem decide o *direcionamento mistagógico da câmera* (ou das imagens digitais), interpretando e traduzindo a liturgia audiovisual e digitalmente e, por sua vez, guiando o teleparticipante a experimentar o mistério celebrado (WAIBEL, 2008).

Do ponto de vista da assembleia litúrgica e da experiência comunitária, um dos promotores da missa transmitida pela Rede Vida no metaverso afirmou que a iniciativa da transmissão metaversal visava a oferecer um "lugar de encontro, pois as pessoas se sentem muito sozinhas em

casa" e, por meio do metaverso, "você se sente próximo um do outro" (DIAS, 2022, n.p.). Já para um especialista em inovação da emissora, a missa metaversal buscou proporcionar uma experiência para familiares distantes fisicamente, fazendo com que pudessem ter a vivência de participar de uma missa juntos (REDE..., 2022). No entanto, como se viu na Figura 1, os fiéis presentes na capela metaversal exibiam avatares que remetiam a imagens de robôs ou astronautas, com trajes em estilo espacial, botas, capacetes e visores. Se a transmissão procurava ser uma resposta à necessidade de encontro, de proximidade e de familiaridade entre as pessoas, até que ponto uma reunião de avatares uniformizados frente a um "telão virtual" favoreceria tal experiência? Que encontro, proximidade e partilha comunitária estão sendo comunicados e podem ser construídos por meio de tais significações digitais?

Do ponto de vista litúrgico, parece haver ainda certo *ab-uso* da celebração eucarística, que acaba perdendo sua dimensão de "fonte e cume de toda a vida cristã" (*Lumen gentium*, n. 11), para se restringir a mero evento terapêutico voltado a pessoas solitárias ou com necessidades e carências psicossociais. Percebe-se aí certa ênfase na *sacramentalização* das presenças eclesiais. Diante de um ambiente emergente como o metaverso, a primeira experiência que ganha publicização por parte de uma TV católica é a celebração de uma missa, como um marco histórico de demarcação de espaço da Igreja em tal ambiente (quase como historicamente faziam os primeiros missionários ao chegarem ao "Novo Mundo"). Como pontua Ghekas (2009, p. 114, tradução nossa),

[...] é preciso refletir sobre a dificuldade de conjugar a produção e a transmissão de uma *missa-serviço-pastoral* para os impossibilitados de se dirigirem pessoalmente à igreja com uma produção e transmissão de uma *missa-publicidade* que, ao invés disso, serve [apenas] à visibilidade da Igreja.

Haveria inúmeras outras experiências pastorais – não necessariamente litúrgicas nem sacramentais – que poderiam servir de "projeto-piloto" e também perdurar de um modo mais inculturado

e frutífero para uma aproximação eclesial a esses ambientes e às pessoas que os habitam. Se a única linguagem que a Igreja reconhece como válida ou considera apropriada para se aproximar e se encontrar com a sociedade contemporânea é o rito sacramental, particularmente a missa, há muito a se repensar do ponto de vista pastoral. Taborda (1976, p. 78) já afirmava claramente que usar a missa ou outro ato litúrgico como "chamariz" é deseducar o teleparticipante, "levando-o ao 'sacramentalismo' e 'liturgismo' [...] por só darem valor salvífico aos sacramentos".

Ainda segundo o especialista em inovação da emissora, a missa metaversal também visava a aproximar o público jovem da Igreja (REDE..., 2022). Chama a atenção, contudo, que, na capela local onde estava sendo gravada a missa transmitida pelo metaverso, a assembleia era composta principalmente por senhoras idosas (a maioria já viúvas, como o próprio presbítero reconhece). Cabe questionar se a transmissão de missas em ambientes digitais inovadores promoveria uma efetiva aproximação do público jovem à Igreja. Dentre as inúmeras opções já disponíveis no metaverso, o que especificamente levaria os jovens a optarem por participar de um rito religioso? E, mais, que Igreja esses jovens encontrariam ao se depararem com um ambiente composto principalmente por uma assembleia de pessoas idosas? Como já dizia Rahner (1965, p. 64), nos anos 1960, frente ao avanço das transmissões televisivas da missa, "a ânsia de ser tão moderno quanto possível pode ser desmascarada, em pouco tempo, como sendo extremamente antiquada. [...] Há muitos pontos em que a Igreja poderia ser mais moderna do que é".

Isso apenas denuncia certo abismo existente entre algumas expressões eclesiais e a cultura contemporânea, e não o contrário, como pretendem alguns. Desse modo, as decisões pastorais podem acabar se revelando condicionadas pelo *paradigma tecnocrático* denunciado pelo Papa Francisco: se tecnologicamente é possível fazer, *deve ser feito*.

Hoje o paradigma tecnocrático tornou-se tão dominante que é muito difícil prescindir dos

seus recursos, e mais difícil ainda é utilizar os seus recursos sem ser dominados pela sua lógica. [...] Reduzem-se assim a capacidade de decisão, a liberdade mais genuína e o espaço para a criatividade alternativa (*Laudato si'*, n. 108, grifo nosso).

Bento XVI também já criticava a "autossuficiência da própria técnica, quando o homem, interrogando-se apenas sobre o *como*, deixa de considerar os muitos *porquês* pelos quais é impelido a agir" (*Caritas in veritate*, n. 70). Mais do que a possibilidade técnica de transmitir uma missa no metaverso, é preciso considerar profundamente e com discernimento os muitos "porquês" de ordem litúrgico-pastoral para tal transmissão, sem *ab-usos* nem banalizações.

Em sua carta apostólica *Desiderio desideravi*, sobre a formação litúrgica do Povo de Deus, o Papa Francisco pede explicitamente que a beleza do celebrar cristão não seja "deturpada por uma compreensão superficial e redutora do seu valor ou, ainda pior, por uma instrumentalização dele a serviço de uma visão ideológica qualquer, seja ela qual for" (DD, n. 16), inclusive, portanto, de ordem tecnológico-instrumental. O risco maior de tais experiências litúrgicas inovadoras, concebidas meramente como "transmissões midiáticas", é o de uma "deriva 'mágica' capaz de esmaecer, a ponto de apagá-lo, o senso da comunidade [...] para exaltar, em vez disso, o papel da técnica que torna possível o evento" (SPADARO, 2012, p. 100-101, tradução nossa). Gera-se, assim, uma distância significativa – não apenas do ponto de vista físico, mas também e principalmente simbólico e afetivo – entre os "espectadores" do conteúdo midiático e os membros da comunidade celebrante; entre indivíduos desconhecidos entre si e aquelas pessoas que se reconhecem como membros do corpo de Cristo (GHEKAS, 2009). Que experiência de comunidade a "primeira missa metaversal" favoreceu? Que contato houve entre os três níveis de fiéis envolvidos? Até que ponto os profissionais da emissora conseguiram acionar as potencialidades tecnológicas audiovisuais e digitais a fim de favorecer uma experiência fraterna de comunidade entre tais fiéis, apesar e para além da distância entre eles?

Não existe comunidade humana formada por "números", "avatars" ou meros "agregados de indivíduos" (cf. FRANCISCO, 2019). O encontro, a proximidade e a experiência comunitária não são criações espontâneas nem o resultado automático de mediações tecnológicas. Toda comunidade humana é constituída por relações entre pessoas, que têm histórias, olhares, expectativas, sofrimentos; em suma, um "rosto" (FRANCISCO, 2022b). Do ponto de vista litúrgico, "o rito não é público nem privado, mas *comunitário*" (BONACCORSO, 2000, p. 26, tradução nossa). A participação não é *privada* (em sentido individualista) nem mesmo *pública* (em sentido generalista): o rito é compartilhado e coparticipado com outras pessoas que, comigo, formam uma comunidade de irmãs e irmãos. "Participar de uma ação litúrgica é participar de uma comunidade que torna presente a Igreja aqui e agora, nesta celebração. [...] A comunidade não é acessória à celebração litúrgica" (TABORDA, 1976, p. 76).

Sem dúvida, do ponto de vista dos vínculos eclesiais, formações comunitárias podem emergir também em redes digitais e podem explicitar "outra forma de ser Igreja", seja pelo reconhecimento de uma *insuficiência* das experiências comunitárias eclesiais existentes diante das novas demandas contemporâneas (principalmente juvenis), seja pela *inexistência* de ambientes comunitários eclesiais capazes de acolher e integrar as "periferias geográficas e existenciais" das culturas de hoje (SBARDELOTTO, 2017). A internet, de modo geral, já constitui um vasto *multiverso* de ambientes digitais potencializadores e facilitadores de redes humanas e de relações sociais, que complexificam ainda mais o *pluriverso* das várias redes sociais que, desde sempre, compõem a trama de uma dada sociedade humana e da própria Igreja.

Nesse sentido, a questão em torno do metaverso não é necessariamente a distância ou a presencialidade física. Não é novidade dizer que "o relacionamento comunitário dos homens [e das mulheres] entre si *não depende apenas da presença física deles num determinado lugar em determinado momento*" (STRIEDER, 1977, p. 94,

grifo nosso). Como afirma o autor, quem acompanha a missa pela televisão (ou pelo metaverso) pode estar em comunhão com as pessoas que a celebram à distância. Segundo Strieder (1977, p. 95), "pela própria realidade do corpo místico de Cristo, do qual todos os cristãos participam, estamos unidos àqueles que celebram o sacramento em qualquer lugar e em qualquer tempo".

Entretanto, para que as práticas católicas nas várias mídias e também no metaverso possam ser promotoras de uma experiência *comum* de pertença, de reciprocidade, de solidariedade, de fraternidade, de *comum-uniidade*, é preciso levar em conta não apenas as potencialidades oferecidas em cada ambiente digital, mas também e sobretudo "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias" (GS, n. 1) de cada pessoa interconectada e a concretude de sua vida, para que seja possível *experimentalmente relações humanas e sociais verdadeiras*, apesar das distâncias e das diferenças, como um só corpo. Afinal, "o milagre da liturgia é transformar uma multidão anônima em povo de Deus" (CRAVERO, 2020, p. 38, tradução nossa).

Trata-se de assumir o desafio pastoral de congregar midiaticamente uma assembleia litúrgica formada não apenas por meros "espectadores" (foco apenas na visão) ou meros "ouvintes" (foco apenas na audição), mas sim por *teleparticipantes*, fomentando, graças aos recursos tecnológicos e ao saber litúrgico, uma *teleparticipação* nos ritos midiaticizados (OCAMPO, 2021). Pois as tecnologias digitais contemporâneas, para além das mídias audiovisuais, dadas as suas potencialidades interacionais inovadoras de comunicação, por meio de videoconferências e também de experiências imersivas graças à realidade aumentada, podem possibilitar uma participação à distância efetivamente "consciente, ativa e frutuosa" da liturgia (SC, n. 11).

Do ponto de vista sacramental da celebração eucarística, contudo, essa dimensão da *comum-uniidade* também se expressa comendo e bebendo juntos, "alimentando-se à [mesma] mesa do Corpo do Senhor" (SC, n. 48). No caso de uma missa, portanto, a partilha do mesmo

pão e do mesmo vinho ao redor do mesmo altar é parte constitutiva do rito celebrado, gesto que dá forma à comunidade que celebra unida em um só corpo. A *comensalidade* é uma experiência litúrgica fundamental:

Nossa subsistência depende da relação que estabelecemos com tudo o que existe, especialmente com os frutos da criação e com os nossos semelhantes. A comunhão criatural reivindica a comunhão social. Assim, a refeição expressa um ato privilegiado do ser humano que deseja a relação e a comunicação interpessoal. A Eucaristia é concebida como banquete fraterno. [...] A comunhão material tende a manifestar a união e a amizade dos seres humanos entre si e com a Trindade. [...] Ninguém faz um banquete familiar festivo on-line. Assim, a participação física garante a comunhão de mesa que se faz na relação dos corpos presentes que interagem visualizando claramente a unidade que se deseja. Aqui se situa a ceia eucarística que tem, necessariamente, um caráter de sacramento do Corpo de Cristo congregado ao redor da mesma mesa e irmanado pelo sacrifício do Senhor. Uma ação típica do ser corporal é o comer juntos e esse é o sinal essencial na missa. Isso não parece concebível sem a proximidade local (BRUSTOLIN, 2012, p. 331-333).

Como também reitera o primeiro documento oficial do novo Dicastério para a Comunicação, "não se pode compartilhar uma refeição através de uma tela. [...] Acima de tudo, a Eucaristia não é algo a que podemos simplesmente 'assistir'; é algo que *realmente nos nutre*" (*Dicastério para a comunicação...*, 2023, n. 61, grifo nosso). No atual estágio de desenvolvimento digital e metaversal, não alcançamos ainda esse grau de copresença e interação corporais à distância. Podemos experimentar *formas diversas de presença, relação e comunhão* nos ambientes digitais, mas não com a mesma tangibilidade, sensorialidade e sensibilidade de um gesto tão humano quanto o de se reunir no mesmo lugar e na mesma hora para comer do mesmo pão e beber do mesmo cálice.

No entanto, é esse gesto – ao mesmo tempo tão simples e tão complexo, tão humano e tão divino – que "faz" a Igreja.

### Considerações finais

O metaverso, uma realidade tecnologicamente já perceptível, mas ainda não estabelecida social

e culturalmente, emerge como uma relevante questão teológico-pastoral contemporânea. A sociedade como um todo, incluindo as empresas de tecnologia e também a Igreja, já participam, a seu modo, da construção de um futuro metaverso, do modo como vem sendo anunciado. Tal desdobramento, por sua vez, traz à tona problemáticas que não são apenas de ordem tecnológica, mas também teológica e, particularmente, litúrgica e pastoral.

Uma "celebração litúrgico-midiática à distância" – que vai além, portanto, do produto midiático "transmissão litúrgica" – tem suas especificidades técnicas, humanas e espirituais, que a tornam diferente de qualquer outro produto midiático. Por isso, por parte da Igreja, além de uma boa formação litúrgica de todos os fiéis leigos e ordenados, é importante que o bispo local designe uma "pessoa competente", como pede a *Sacrosanctum concilium* (SC, n. 20), para orientar todas as pessoas envolvidas em tais eventos midiáticos a partir de critérios litúrgico-pastorais, e não apenas de possibilidade técnica. Afinal, "a transmissão visual [ou metaversal] da ministerialidade ritual é, em si mesma, ministerialidade ritual" (VALENZIANO, 2000 *apud* GHEKAS, 2009, p. 115, tradução nossa).

Daí a importância de pensar e refletir profundamente sobre os processos de midiatização da liturgia, para que tais eventos midiáticos litúrgicos, aproveitando os elementos estéticos da tradição litúrgica, "sejam um instrumento evangelizador e catequético de características adequadas aos meios de comunicação em questão" (TABORDA, 1976, p. 79).

O desafio é colaborar, a partir das potencialidades midiático-digitais, para que um mero "observador" possa se tornar não apenas um "observador *participante*", mas também e principalmente um *membro da comunidade*, conectado e vinculado fraternamente à assembleia fisicamente reunida, experimentando e vivendo tal comunhão fraterna em sua vida. Com isso, a pessoa – embora à distância – pode participar plenamente não apenas de um rito celebrado, mas também e principalmente da vivência co-

munitária e da experiência fraterna cristãs.

O metaverso, portanto, não é em si mesmo nem um problema nem uma solução do ponto de vista eclesial e pastoral. Sua emergência na tecnocultura contemporânea, contudo, problematiza a íntima relação entre o modo como concebemos a Deus (teologia), o modo como celebramos (liturgia), o modo como nos relacionamos com Ele e como irmãos e irmãs no caminho de fé (eclesiologia), e também com o mundo e a sociedade em geral (pastoral).

Para além dos possíveis desdobramentos de tais realidades digitais, as questões emergentes a partir desse fenômeno reforçam o dever da Igreja de “investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas” (GS, n. 4). No fundo, o desafio é sempre buscar responder não apenas “como”, mas também e principalmente “por que”, “para que” e “com quem” se tomam certas decisões comunicacionais e se fazem certas iniciativas pastorais e também litúrgicas (SBARDELOTTO, 2020a).

## Referências

- BASBAUM, Sergio. Sinestesia e percepção digital. *Teccogs – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, São Paulo, n. 6, p. 245-266, 2012.
- BELLI, Manuel. Ma la messa in TV “vale”? Piccole precisazioni a fronte di una domanda frequente. *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n. 338, p. 14-18, 2020.
- BENTO XVI. Carta encíclica *Caritas in veritate* sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. *Vatican.va*, Vaticano, 2009. Disponível em: <https://tinyurl.com/2er4484x>. Acesso em: 16 out. 2023.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BONACCORSO, Giorgio. Azione rituale e azione drammatica. *Rivista Liturgica*, Camaldoli, v. 87, n. 1, p. 13-30, 2000.
- BRUSTOLIN, Leomar. Eucaristia na era digital: a questão da presença e da participação. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 322-342, 2012.
- COMISSÃO Pontifícia dos Meios de Comunicações Sociais. *Instrução Pastoral Communio et Progressio sobre os Meios de Comunicação Social* (1971). São Paulo: Paulinas, 1971. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_23051971\\_communio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html). Acesso em 16 out. 2023.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição conciliar *Sacrosanctum concilium* sobre a sagrada liturgia. *Vatican.va*, Vaticano, 1963. Disponível em: <https://is.gd/Cjh208>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo atual. *Vatican.va*, Vaticano, 1965. Disponível em: <https://is.gd/zYdn4W>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja. *Vatican.va*, Vaticano, 1964. Disponível em: <https://tinyurl.com/yf9qkh9g>. Acesso em: 16 out. 2023.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Inter mirifica* sobre os meios de comunicação social. *Vatican.va*, Vaticano, 1966. Disponível em: <https://tinyurl.com/53e8kbbby>. Acesso em: 16 out. 2023.
- CRAVERO, Domenico. Simbolico rituale, simbolico digitale. *Rivista di Pastorale Liturgica*, Brescia, n. 338, p. 34-38, 2020.
- DIAS, Leticia. Santuário da Vida transmite Missa no Metaverso. *A12*, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/noticias/santuaria-da-vida-transmite-missa-no-metaverso>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. *Vatican.va*, Vaticano, 2019. Disponível em: [https://is.gd/presenca\\_plena](https://is.gd/presenca_plena). Acesso em: 30 maio 2023.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FLORIDI, Luciano. *Metaverse: A Matter of eXperience. Philosophy & Technology*, Rochester, p. 1-10, 2022.
- FRANCISCO. carta encíclica *Laudato si'* sobre o cuidado da casa comum. *Vatican.va*, Vaticano, 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/2pw54rd3>. Acesso em: 16 out. 2023.
- FRANCISCO. Carta apostólica *Desiderio desideravi* sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. *Vatican.va*, Vaticano, 2022. Disponível em: <https://is.gd/AtVoxn>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais (2 de junho de 2019). “Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais. *Vatican.va*, Vaticano, 2019. Disponível em: <https://is.gd/zoNdvb>. Acesso em: 30 abr. 2023.

FRANCISCO. Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais. "Somos membros uns dos outros" (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Vatican.va, Vaticano, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/DMCS2019>. Acesso em: 16 out. 2023.

FRANCISCO. Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Escutar com o ouvido do coração. Vatican.va, Vaticano, 2022. Disponível em: <https://is.gd/Qntgkp>. Acesso em: 30 abr. 2023.

GHEKAS, Panayotis. "Messa e televisione": tra problematiche teologiche e attese pastorali. *Rivista Liturgica*, Camaldoli, v. 96, n. 1, p. 97-117, 2009.

GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTO, Moisés. Igreja doméstica e em saída digital: horizontes novos para a vivência da fé cristã. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, n. 149, v. 17, p. 12-21, 2020.

GUZMÁN, Gonzalo. *Hic et nunc* virtuales: cuestiones de antropología litúrgica. *Ecclesia orans*, [s. l.], v. 38, p. 95-113, 2021.

JOANNES PAULUS PP. II. Carta de Su Santidad Juan Pablo II en el 50º aniversario de la primera misa de Navidad televisada. Vatican.va, Vaticano, 1998. Disponível em: <https://is.gd/OYnS5K>. Acesso em: 30 abr. 2023.

MENDIVIL, Iñigo Sarria Martinez De. Da internet das coisas à internet dos sentidos. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 3 set. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/612600>. Acesso em: 16 out. 2023.

MISSA no Santuário da Vida é transmitida pelo Metaverso – JCTV – 21/07/22. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (2 min 36 s). Publicado pelo canal REDEVIDA Informação. Disponível em: <https://youtu.be/FyXP8n7yflI>. Acesso em: 30 abr. 2023.

OCAMPO, Leo-Martin Angelo R. Catholic Liturgical Teleparticipation Before and During the Pandemic, and Questions for the New Normal. *Religion and Social Communication*, Bangkok, v. 19, n. 1, p. 35-72, 2021.

PAULA, Darlei de. O cuidado com a espiritualidade litúrgica nas celebrações eucarísticas na televisão. *Tear Online*, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 70-77, 2013.

PEDROSA, Marlene. Metaverso e Igreja: algumas implicações à prática cristã. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 164-173, 2022.

PIO XII. Lettre Apostolique Proclamant Ste. Claire Patronne Céleste de la Télévision. Vatican.va, Vaticano, 1957. Disponível em: <https://is.gd/F5lbkZ>. Acesso em: 30 maio 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Igreja e internet. Vatican.va, Vaticano, 2002. Disponível em: <https://is.gd/uv8OAG>. Acesso em: 30 abr. 2023.

RAHNER, Karl. *Missão e Graça: Problemas de Espiritualidade e Pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1965. 3. v.

REDE Vida realiza primeira missa no metaverso. *TI Inside Online*, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://tiinside.com.br/22/07/2022/rede-vida-realiza-primeira-missa-no-metaverso/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SANTA Missa. *Rede Globo*, Rio de Janeiro, c2015. Disponível em: <https://is.gd/ro1t97>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SBARDELOTTO, Moisés. *Comunicar a fé: por quê? Para quê? Com quem?* Petrópolis: Vozes, 2020a.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

SBARDELOTTO, Moisés. Virtualização da fé? Reflexões sobre a experiência religiosa em tempos de pandemia. *Annales Faje*, Belo Horizonte, v. 5, n. 4, p. 98-110, 2020b.

SCHLEMMER, Eliane; BACKES, Luciana. Metaversos: novos espaços para construção do conhecimento. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 8, n. 24, p. 519-532, 2008.

SILVA, Aline Amaro da; OLIVEIRA NETO, Marcus Túlio. Caminhar juntos no metaverso: um desafio pastoral. *Annales Faje*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 136-146, 2022.

SPADARO, Antonio. *Cyberteologia: pensare il cristianesimo al tempo della rete*. Milão: Vita e Pensiero, 2012.

STRIEDER, Inácio. Missa na Televisão: Questão discutida. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 91-96, 1977.

TABORDA, Francisco. Liturgia no rádio e na televisão. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 73-80, 1976.

TECCHIO, Manuela. Meta já colocou US\$ 15 bi no metaverso – e os investidores estão cada vez mais céticos. *Pipeline Valor*, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://is.gd/QUxLhc>. Acesso em: 30 maio 2023.

WAIBEL, Artur. Liturgy on Television: Experiences from the German-speaking Countries. *Studia Liturgica*, [s. l.], v. 38, n. 2, p. 184-190, 2008.

ZORDAN, Davide. Screening Piety, Invoking Fervour: The Strange Case of Italy's Televised Mass. *Journal of Religion, Media & Digital Culture*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 56-83, 2014.

ZUCKERBERG, Mark. "Mark in the metaverse. Facebook's CEO on why the social network is becoming 'a metaverse company'." Entrevista concedida a Casey Newton. *The Verge*, [s. l.], 2021a. Disponível em: [https://is.gd/verge\\_zuckerberg](https://is.gd/verge_zuckerberg). Acesso em: 30 abr. 2023.

ZUCKERBERG, Mark. Founder's Letter, 2021. *Meta Newsroom*, Menlo Park, 2021b. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2021/10/founders-letter/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

ZUCKERBERG, Mark. Update on Meta's Year of Efficiency. *Meta Newsroom*, Menlo Park, 2023. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2023/03/mark-zuckerberg-meta-year-of-efficiency/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

---

**Moisés Sbardelotto**

Professor da PUC Minas, atuando no Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia Prática (PP-GPTP) e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR). Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, com estágio doutoral na Università di Roma "La Sapienza". Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFRGS. Coordenador do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da CNBB e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU).

---

**Endereço para correspondência:****MOISÉS SBARDELOTTO**

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Instituto de Filosofia e Teologia

Av. Dom José Gaspar, 500, Prédio 04

Coração Eucarístico, 30535-901

Belo Horizonte, MG, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*